Obra protegida por direitos de autor

CF
B/2/1
Reg.º 21
Sala 1

Faculdade de Letras de Coimbra
CENTRO DE ESTUDOS ROMÂNICOS
Carolina Michaëlis de Vasconcelos
N.º_____/_____

EXCLUIDO DO
EMPRÉSTIMO
DOMICILIÁRIO

Obra protegida por direitos de autor

ISM
EN
C. D
C

Obra protegida por direitos de autor

AS OBRAS DO CELEBRADO LVSITANO,

O doutor Fracisco de Sà de Miranda.

Collegidas por Manoel de Lyra.

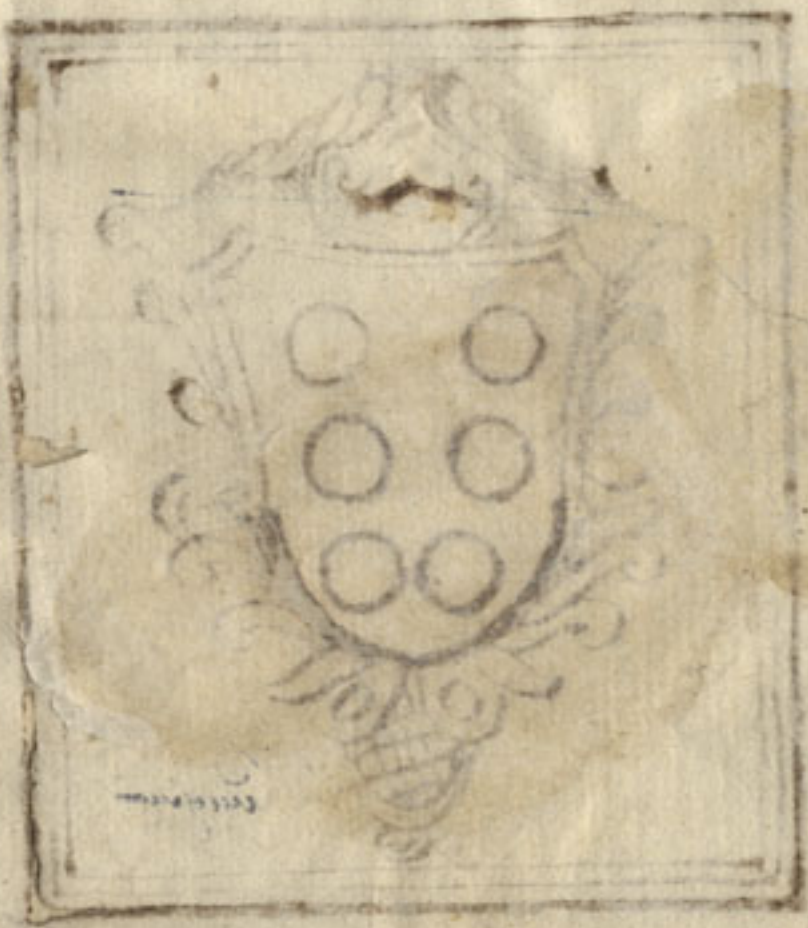
Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Ieronymo de Castro, &c.

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Impressas com licença do Supremo Conselho da santa Geral Inquisiçaõ, e Ordinario. Anno de 1595.

Com privilegio Real por dez annos.

Obra protegida por direitos de autor



Obra protegida por direitos de autor

VIDA DO DOVTOR FRANCISCO DE SA DE MIRANda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão, & tratarão, & dos liuros das gerações deste Reyno.

NASCEO Francisco de Sà de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495. o mesmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou posse do gouerno destes Reynos, foy filho de Gonçalo Mendes de Sá, & neto de Ioão Gonçalues de Miranda, que viueo junto a Buarcos, & de Dona Phelippa de Sâ sua molher, que era filha de Rodriguenes de Sà, & neta de Ioão Rodrigues de Sá o primeiro que chamarão das Galès assas conhecido em tempo del Rey Dom Ioão de boa memoria. Despois das primeiras letras de humanidade (em que foy insigne) estudou leys mais em obsequio ao gosto del Rey Dom Ioão o Terceiro, q̃ de nouo plantara então a Vniuersidade na sua terra, q̃ por inclinação que tiuesse àquella maneira de vida, & com tudo obedecendo a seu pay que lha escolbera, continuou nella com felices porgressos, & sabio grande letrado, tomou o grao de Doutor, & leo varias cadeiras daquella faculdade em sua propria patria, porẽ conhecẽdo os perigos que o vso desta sciencia tras consigo em materia de julgar, tanto que lhe faltou seu pay não sô deixou de todo as escollas, mas engeitou os lugares do Desembargo, q̃ por muitas vezes lhe forão offerecidos ficando sò consumandose no estudo da Philosophia Moral, & Estoyca a que sua natureza o inclinaua.

¶¶ Eleuan-

Obra protegida por direitos de autor

E leuantandolhe ella o pensamento ao desprezo de todas as cousas de cà, quis peregrinar pollo mundo, porque no repouso a que determinaua recolherse, o não inquietassem as nouas do que não vira, & assi se foy a Italia visitando primeiro os mais celebres lugares de Espanha, & tendo visto com vagar, & curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, & o milhor de Cicilia, tornouse ao Reyno, & deteuese algum tempo na corte del Rey Dom Ioão o Terceiro, que ja auia muito que reynaua, & alli co as calidades de sua pessoa, & boas partes q̃ nelle concorrião, sem outra alg̃a ajuda das que costumão leuantar ainda os indignos, se fez tamanho lugar, que foy sem controuersia, senão o mayor hum dos mais estimados cortesaõs de seu tempo, concorrendo cos milhores que este Reyno teue por ventura, & isto naõ so dos companheiros, mas del Rey, & dos Principes, & o que he mais dos vallidos com quem ordinariamente nam adiantão os amigos de antes quebrar, que torcer (como elle diz) tomando em desprezo proprio a estimaçam alhea, & sentindo como injurias particulares a detestaçam que os judiciosos, & discursiuos fazem dos vicios em gèral.

Mas nam foy isto sempre, o bom acolhimento digo que achou no mayor poder, porque ainda que o nosso Poeta podera ser em seu modo mayor que a enueja (Como Quinto Curcio diz que o foy Alexandre no seu) nam quis ella perdoarlhe, concitando em seu danno hũa pessoa muito poderosa daquella era em desprazer de quem se interpretaua mal polla mesma enueja hum lugar da sua Egloga de Aleyxo, o que sentindo elle, nem querendo declararse milhor, nem esperar â vista os effeitos da ira declarada, tendolhe el Rey dado hũa Comenda do Mestrado de Christo, que chamaõ as duas Igrejas no Arcebispado de Braga junto à Ponte de Lima, recolheose a hũa quinta que tambem tinha ahi perto chamada a Tapada, deixando o mimo da Corte, a conuer-

saçam

façam aos amigos, a esperança de mayores mercês assegura
da no fauor do Principe Dõ Ioaõ, q̃ em muito tẽra idade, co
meçaua a fazerlhe grande, è do Cardeal Dõ Henrique, q̃ cõ
mostras de particular affeição assistia a suas cousas, è estan-
do alli logrando quietamẽte o fruto de seus estudos, & pere
grinações, casou com Dona Briolanja Dazeuedo filha de
Francisco Machado senhor da Lousaã, de Crasto, Darega,
& das terras de entre Homẽ, & Câuado, & de Dona Ioa-
na Dazeuedo sua molher, com a qual viueo annos em gran
de conformidade sendo ẽlla taõ pouco fermosa exteriormen-
te, & de tanta idade q̃ quando a pedio a seus irmãos Ma-
noel Machado, é Bernaldim Machado, por ser seu pay jà
morto, não quiserão elles diffirirlhe ao casamento, sem q̃ pri
meiro visse bẽ a noyua, & sendolhe mostrada pollos irmãos,
disse para ella, castigayme senhora cõ esse bordão, porq̃ vim
tam tarde, mas parece q̃ como Francisco de Sà viueo em to-
das as cousas do mundo quasi abstraydo do mesmo mundo, q̃
assi foy tambẽ nisto, naõ lhe faltando algũ Philosopho aquẽ
imitasse, estimando sobre tudo os dotes dalma daquella ma-
trona, q̃ foram excellentes, cõforme a seu estado por testemu
nho de homẽs daquella comarca, que indà oje o dam do cui
dado q̃ tinha da honra de Deos, do descanso de seu marido,
da criaçam de seus filhos, da doutrina de seus criados, & do
prouimento de sua casa, com que o marido a amaua de ma-
neira q̃ faltandolhe ella faltou elle breuemente entre estre-
mos de sentimento senam dignos do animo de hũ tam gran
de Philosopho, deuidos pollo menos á estimaçam que com
seu profundo juizo fez daquella perda.

Teue dous filhos desta molher de q̃ o primeiro se chamou
Gonçalo Mendez de Sâ como seu auò, o qual ainda muy
mancebo, mas de tam boa indole, & partes (como o elle pin-
ta na Elegia, que acerca de sua morte respondeo o Doutor
Antonio Ferreira) mandou a Africa seruir hũa comenda

Obra protegida por direitos de autor

(a onde quasi todos os moços daquelles tempos diam cengir a primeira espada) & chegado de poucos dias a Ceyta succedeo a perda de Dom Pedro de Menezes filho do primeiro Conde de Linhares Dom Antonio, que era Capitam do lugar onde Gõçalo Mendez tambẽ acabou cõ muitos outros, entre os quais foy Dom Antonio de Noronha sobrinho do Capitam filho do Conde Dom Francisco q̃ deu cõ sua morte occasiam âquella lamentauel Egloga de Luis de Camões de Vmbrano, & Frondelio. Chamouse o outro filho Hieronymo de Sà Dazeuedo, o qual casou despois da morte de seu pay cõ Dona Maria de Menezes filha de Francisco da Silua de Menezes o Galego, irmaõ inteiro de Diogo de Sousa, q̃ foy pay do Conde Ruy Mendes de Vasconcellos, que oje viue, é de Dona Lianor de Mello sua molher filha de Dõ Aluaro de Mello Abbade, q̃ foy de Refoyos de Lima, dos quais he filho Francisco de Sà de Menezes, que viue de presente neto do nosso Francisco de Sá, è o foy tambẽ hũa irmã sua q̃ casou cõ Dõ Fernando Cores Sotomayor, q̃ viuia em Saluaterra de Galiza o anno de 1593. já viuuo della, & he rezaõ que digamos aqui q̃ quando aquelle fidalgo casou com esta neta de Francisco de Sà, quis que no dote q̃ lhe deram entrasse em hũ grande preço o Liuro Original de suas Poesias, o qual tẽ, & estima como ellas merecẽ, a mayor parte das quais elle cõpos naquella sua quinta da Tapada em estilo Lirico, & Pastoril, & todas, ou as mais dellas sobre casos particulares que succederam na corte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas daquelles q̃ entam viuiaõ, de que ainda temos algũas tradições, è vestigios deriuados a nòs dos contẽporaneos que o venceram em dias, & se ouuera algũ que fizera hũa anotaçam disto, por ventura que fora bem agradauel historia, porque nam ficaramos só pendẽtes cada hum de seu juizo na especulaçam destas causas, ainda que o engenho, & arteficio Poetico cõ que as elle dispos he

Obra protegida por direitos de autor

curiosidade, porque de maneira se aproueitou da doutrina, & preceitos de todos os Philosophos, & Poetas que se concorrera cõ elles em hum mesmo tẽpo, mal se poderão determinar os homẽs q̃ lerão as obras de hũs, & outros quẽ imitara a quẽ; que assi leuantou Francisco de Sà, & sobio em muitos lugares as cousas daquelles que milhor se pode affirmar, que saõ nelle proprias, que imitadas.

Tratou antes de conceitos, & substancias, que de termos vãos, & põposos, spanto de principiantes, rediculos; & inuteis aos que milhor entendem, guardando todauia com tamanho rigor as regras da arte, que os que attentamente o passarẽ não lhes ficarà necessidade de lèr em as Poeticas de Aristoteles, & Horacio, que elle parece, não largaua da mão.

Foy o primeiro que compos versos grandes neste Reyno, bastante desculpa das miudezas q̃ se tachão em algũs seus desta medida (pera aquelles homẽs, ao menos que attendẽdo ao que se diz, não curão muito do modo) & tambem o he não pequena pera os muy obseruantes da lingoa Castelhana, se no que compos nella acharem que calumniar (em rezam de palauras), auer escrito em tempo que os Portugueses senam entendiam tambem co ella, como com elles; & as lingoas vulgares, que nam pendem de preceitos coartadamẽte nunca se sabem bem senam co vso contino, & tratto ciuil; & sempre os estrangeiros, que as nam tiuerem praticado mnito fallaram, & escreueram com grande perigo nellas de maos ascentos, & piores significações, de que poderamos appontar exemplos, senam ficaram mais em escandalo de algũs, q̃ em vtilidade de nosso intento q̃ ha mister menos, porq̃ na substancia, è madureza de Francisco de Sâ saõ isto accidẽtes de nenhũa importancia, o qual naõ sòmẽte foy inculpauel na grauidade das sentẽças, na agudeza dos concei

Obra protegida por direitos de autor

na imitação dos Poetas, na obseruação das regras, senão inimitauel tãbẽ na pureza cõ q̃ fallou em materias amorosas, q̃ he de maneira que até as duas Comedias q̃ fez em prosa, q̃ por rezão do estilo Comico saõ mais licenciosas, o Cardeal Dom Anrique que despois foy Rey destes Reynos, tam pio tam zelador da Fè, & dos bõs costumes, reformador das Religiões, Legado à Lattere, Inquisidor Mór, não só lhas mãdou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que despois foram grauissimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Iorge de Atayde Bispo de Viseu, meritissimo Abbade d'Alcobaça do Conselho do Estado, & Capellão Môr del Rey, senão pouco despois de Francisco de Sà morto, porque se ellas nam perdessem as fez imprimir ambas em Coymbra na forma em que andam, & as tinha, & lia muitas vezes.

Foy tam particular mestre do tratto da nossa Corte do nosso modo de conuersar dos termos com que entre nòs se declaraõ os que milhor sabem declarar se, que passando ha tantos annos ainda oje os bem lidos nelle se vallem de sua doutrina, como de Apothemas argutissimos em toda a varieda de de materias tocantes a estilos de Corte, & costumes politicos, & ainda os Prègadores nos pulpitos.

Morreolhe sua molher o Anno de 1555. com o q̃ elle começou a morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto, & antigos exercicios, tanto que viuendo ainda tres annos despois della, nam se acha que composesse mais que hum Soneto, que fez á sua morte, que começa. Aquelle spirito jâ tam bem pagado, & affirmão pessoas que o conheceram, que nunca mais sahio de hũa casa, senam pera ouuir os Officios Diuinos, nem apparou a barba, nem cortou as vnhas, nem respondeo a carta que lhe alguem escreuesse atè que acabou de todo.

Foy

Foy homem grosso de corpo, de meãa estatura, muito aluo de maõs, & rostro, com pouca còr nelle, o cabello preto, & corredio, a barba muito pouoada, & de seu natural crecida, os olhos verdes bem assombrados, mas com algũa demasia grandes, o naris comprido, & com cauallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil, & humano na conuersaçam, engraçado nella com bom tom de falla, & menos parco em fallar, que em rir, & porque pode seruir pera melhor intelligencia de algũas figuras, termos, & sentẽças destes seus papeis o conhecimento de seus particulares exercicios, direy aqui o que pude alcançar delles.

Era inclinado á caça dos Lobos, & exercitaua muitas vezes, indo a ella soteado todo, & â gineta, jugaua o taboleiro, & nenhum outro jogo, donde parece que tirou a metaphora de que vsa nas Eglogas de Basto, & na de Nemoroso, & alguns outros lugares, como [Si licet sacra miscere profanis] fez o Propheta Amos, que do exercicio do campo em que se criou tomou os termos com que escreueo a sua prophecia; tangia violas darco, & era dado à musica, de maneira que com nam ser muy rico tinha em sua casa mestres della custosos, que ensinauam a seu filho Hieronymo de Sá, de quem se diz que foy estremado naquella arte, & contaua Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte disto) que quando o hia a ver viuendo em Ponte de Lima, patria sua, lhe mandaua tanger o filho em diuersos instrumentos, & o reprendia algũa vez de algum descuido, foy sobrio, & austero consigo, & largo com algum excesso cos hospedes que indifferentemeute agasalhaua com gosto particular, costumando a dizer, que o liurauam de si o tempo em que os conuersaua, & cõrezam, porque se conta delle que estando sem gente de cumprimẽto (& ainda cõ ella) se suspendia algũas vezes, & muy de ordinario derramaua lagrimas sem o sentir; porque quando lhe acontecia à vista

Obra protegida por direitos de autor

Pouco por forças podemos,
Isso que he por saber veo,
Todo o mal jaz nos estremos,
O bem todo jaz no meo.
Os Poetas vão a tudo,
Buscando por alto o crauo,
Olhando pello meudo.
O seu grande Achilles brauo
Rege o Centauro sesudo.
Que lhe abrande aquella sanha
Natural sua, qu'he muita,
Nũa coua soterranha
Tange o velho, o moço escuita.
Veados correm co vento
Em contenda, & os lões
Tem força, & atreuimento,
Tem seus brauos corações,
Nós temos entendimento.
Poronde antre nós deuemos
Estimar aquelles sòs
Que naquillo em que vencemos,
Nos vencem elles a nos.
Quando daua homẽs a terra,
O que ja tanto nam faz,
Da paz tratauam na guerra,

Tra

Tratauaõ da guerra em paz,
Em tudo jâgora s'erra.
(A departe algum abrigo)
De mal laurada, ou de fraca,
Semeaes, esperaes trigo,
Nace joyo & eruilhaca.
Diogenes claro o dia
Buscaua andando â candea
Que nunca a cabeça erguia,
Em Athenas (em que aldea),
Ia cansado assi dezia:
Voume por aqui buscando
Entre tantos homẽs hum,
Neste vam trabalho ando,
Qu'inda não achei nenhum.
Deixemos queixas antigas,
Daruos ey conta de mĩ,
Que destas vossas amigas,
(Digo as letras) pera a fim
Ajunto como as formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á cegarrega em rosto,
No dezembro que bailasse,
Pois cantára no Agosto.
Perdido tudo no mar,

Saindo o grã Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Parece q̃ assi despojado
Me mandão philosophar.
Ia vou sentido algum fruito
Cad'ora espero que creça,
Andei fora ao vento muito,
Fezme grão mal a cabeça.
Curame a Philosophia,
Que me promete saude
Doulhe a noite, doulhe o dia,
Ouço falar da virtude,
Se a visse sararmehia.
Diz Platão (quehe dos melhores)
Quem poseſſe os olhos nella,
Q̃ altos que acesos amores
Sempretraria comsigo,
Como digo, eu sò d' ouuir
Ando assi como pasmado
Desejoso de a seguir
Chorando todo opassado,
Temendo todo o por vir.
Em toda a parte ha perigos,
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto hũs maos imigos,

De casa, que muito temo.
Aquella mestra o assento
De viuer assi ca fora
Louua, & fazme atreuimento
D'ir auante hora por hora,
Inda qu'assi cego, & atento.
Sobre todos os doutores
Sanctos, louuão tal tençam
Pera cuidar nos amores,
Tão certos no galardam.
Em quem tanta força ouuesse
Como cumpre á vida actiua,
Qu'ós encontros se tiuesse,
Virtude er'ella mais viua,
De mais fruito & interesse.
Por Rachel que não por Lya,
Sete & sete annos scrui;
Pode ser por ella hum dia
Qu'inda voasse daqui.
Entretanto, conselheiros
Busco, q̃ andem âs verdades;
Estes liuros meus parceiros,
Não das praças, & cidades
Dos passeos nos terreiros.
Amigos de louuaminhas

Obra protegida por direitos de autor

Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as andorinhas,
Vaõ & vem co tempo feito.
Sophistas me sam defesos,
Com todas as suas cismas,
Eilos soltos, eilos presos;
De fè que naõ de sophismas
Quer Deos os peitos acesos.
Que nas agoas encharcadas
Hi se ajuntaõ como râs,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vãs.
As Musas me não defendem,
Deixemos as demasias,
Que a toda boa alma ofendem;
Mandaõ rir de cousas frias,
D'algũs que agudezas vendem.
Entendimentos diuersos
Com que artes vos encantam?
Psalmos que sam senão versos,
E os Hymnos q̃ a Deos se cantã?
Aquelles cantares finos,
A que Lyricos disseram
Os Gregos, & os Latinos,
Digaõme donde os ouueraõ,

Saluo

Saluo dos liuros diuinos?
Quanto que hi se limou,
Leuaõ as agoas á mão,
Sapho, Pindaro regou,
Regou seus campos Platam.
Mas o que por ora aprendo,
He ler liuros de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas fossem dignos meus olhos
De cegar sobre elles lendo.
Que de seus mysterios altos
Assi lubrigando vejo
Que naõ sou pera taes saltos,
Porem sospiro & desejo.
Era em grande differença
Se casaria, ou se não,
Ouue de sair sentença
Que a só hũa o coraçam
A amores desse licença.
Isto dito, amor mais raro
Deu final como era alli;
Outro som do coldre claro,
Outro das frechas ouui.
Amor que estás sempre auindõ
Co aquella pura verdade,

Obra protegida por direitos de autor

Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade
Qu'entrego emt' aqui sétindo.
Poem do teu fogo a esta casa
Faze quanto nella ha teu,
Que Deos he fogo que abrasa,
Seyo de hum priuado seu.

CARTA

A PERO CARVALHO.

NO lugar onde mẽ vistes
Dagoa & de montes cercado,
E doutros males que ouuistes,
Tenho mais dias contado
De ledos, que não de tristes.
Isto que hora ouuis de mim
Não sei se ouuireis dalguem,
Buscai, preguntai sem fim,
No desejado Almeirim
No farto de Santarem.

Que

Que guerra que lhe fizestes
Aa terra que me criou,
De quem tãto ás lingoas destes,
Porque? que vos acoutou
Da peste com que hi viestes.
Fostes mal agasalhados?
Certo não, que tè as fazendas
Vos dauão paruos honrados,
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe vossas rendas?
O qu'eu por parcialidade
Nem outro respeito digo:
Da antigua & nobre cidade
Sou natural, sou amigo,
Sou porem mais da verdade.
Como vos partistes d'hi,
Logo abrigados achei
Onde me desencolhi,
Seguramente dormi,
Seguramente veley.
Cidade rica do santo
Corpo do seu Rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco, todo inteiro
Dos annos que podem tanto.

Obra protegida por direitos de autor

Rei á quem Deos se mostrou,
Rei que tantos Reis venceo,
Rei que taes Reis nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que tè Seuilha correo.
Outro Rey nosso sem mal
A que empeceo a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra cidade
Que lhe fosse taõ leal?
Qual a sua fè saluou
Por tanto trabalho & medo?
Em fim nunca se entregou,
Primeiro as chaues mandou
Ao seu Rei morto em Toledo.
Mas tornando ao abrigado,
Em que me furtei aos ventos,
Hi depois de em mĩ tornado
Que rir, que esmorecimentos
De tempo taõ mal gastado!
E o fogo que ora se acende,
A prestеza das mudanças,
Mal que mui longe s'estende,
A a vida curta defende
Tomar longas esperanças.

Giges

Gages na sua abastança
Que de toda parte ajunta,
Cudando em tanta possança,
Inchado a Apollo, pregunta
Polla bemauenturança.
Tal fumo Apollo entendendo,
Pos auante ao seu estado
Aglao, que só pastor sendo,
Hia cantando & tangendo,
Olhos sòmente ao seu gado.
Oo ricos, qu'esta riqueza
Está no contentamento;
Mais tem quẽ mais a despreza,
Naõ foge o rico auarento
Por mais que fuja, á pobreza.
Onde pode mais caber
Sinal he que fica hi vaõ
Que se pode mal encher,
E os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.
Por faminto que venhaes,
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
A terra da que comais.

Quẽ

Sabia a ſua condiçam altiua,
(Neſta ſò parte) no mais, brãda, humana,
Era para morrer, não ſer catiua.
A ſepultura que os olhos engana,
He leuiſsima perda, aſsi tambem
He lodo, he terra, he pò, terra Africana.
Que tam eſtreito mar antre ſi tem,
Abila & Calpe, foi tempo, hum ſòmente,
Dous agora, hum daquem, outro d'alem.
Nos quaes, duas colũnas pos defronte
Hercules, qu'ali entrada ao grã mar deu.
Falece aũtes quem crea, q̃ quem conte.
Os Gregos no que eſcreuem, poem de ſeu
As vezes muito, & ha quẽ diz q̃ chamadas
Ia foraõ as colũnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas
Almas ſubidas para ſempre á luz
Sem treuas, rindo la dos noſſos nadas.
Hum ſò qu'em ſangue aberta traz a Cruz
Branca por armas, deu Deos á cidade,
Milagre, que em ſinaes claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Mordeſe a enuej'ás mãos, ri ſe a verdade.
Para as feſtas diuinas que lugares
Tão claros, hi ganhaſtes polas lanças,
Correndo ledos á tal gloria, a pares,
Sem fim, ſem ſobreſaltos, ſem mudança

Obra protegida por direitos de autor

Ao senhor Frãcisco de Sâ de Miranda,

Iorge de MonteMayor S.

Ora es digna cosa (ò pluma mia)
Que os afineis, mostrando mis conceptos,
Con arte, ingenio, estillo, y melodia.
Conformense a la causa los effectos,
Preuengan luego aqui la eterna mano,
Con terminos subtiles, y discretos.
No escriuo la grandeza d'Octauiano,
No los triumphos de Cæsar, no la gloria
Qu'en cõquistar gano Alexãdre Magno.
No las pompas de Dario, no la hystoria
Del diuino Scipion, no la riqueza,
D'Antiocho, ni de Manlio la victoria.
No escriuo a Ciceron, qu'en subtileza
Con su pluma llego al summo grado,
Ni del Poeta heroico la biueza.
A otro blanco tiro, que ha tirado
La barra tanto mas, que siempre anda
Enla Corte de Apollo sublimado.

Obra protegida por direitos de autor

A Francisco de Sà el de Miranda

Escriuo, aunque a mi ingenio le parece
Que a mas delo que puede se desmanda.
Y si a vos (pluma mia) os enflaquece
El temor dela empresa, enfin fortuna
Enlos mayores casos fauorece.
Estad ya sin temor de cosa alguna,
Que por baxo que sea nuestro estyllo,
La causa lo alçarâ, qu'es qual ninguna.
Y pues mi ingenio veis que en esto afilo,
Qu'es sin comparacion, podeis creerme
Que Atropos no podra cortarme el hilo.
En fin señor Illustre, he de meterme
So tu amparo y fauor, por sublimarme,
Y al mundo podre luego anteponerme.
Que pierdes de tu ingenio en leuantarme?
Ha de mẽguar por dicha tu grã sciẽcia?
Por la pequeña mia acrecentarme?
Puedes perder de todos la obediencia?
Puedes perder que fama en todo el mũdo
Publique tu alto estyllo, y grã prudẽcia?
Puedes dexar de ser el mas profundo
En sciencia, erudicion, q̃ alguno ha sido?
O tu ingenio podra hallar segundo?
No cierto, que tan alto te ha subido,

Que

Obra protegida por direitos de autor

Que te pierdo de vista, y no es posible
Poder dexar de ser lo que ha sido.
Pues luego claro está que te es posible
Hazerme rico amy, sin quedar pobre,
Que quien podra vencer al inuencible?
Haras que a poca costa tuya cobre
Tal arte, tal ingenio y fundamento,
Que oro buelua yo mi baxo cobre.
Doite cuenta de mi, que es argumento,
De me hazer tan tuyo como digo,
Aunque me falte aqui merecimiento.
De mi vida el discurso yo me obligo
A contartelo en breue, aunque mas breue
fortuna se mostro para comigo.
Comigo se estrecho, y no se mueue
A me subir a mas que a vn cierto grado,
Y a me passar de alli, ya mas se atreue.
No en la studiosa Athenas fui criado,
Ni aun enla insigne y grande Babylonia,
Ni la superba Troya he passeado.
Ni en la justa y Real Lacedemouia,
Ni en la bellica Thebas, ni en Carthago.
Ni en la grande Paris, Sena, o Bolonia.
Ni en la triumphante Roma, hondo lago
De tantos hechos en armas, sangre y fuego,

Qu'en

Obra protegida por direitos de autor

Qu'en Africa, Asia, Europa, bizo estrago.
Riberas me crie del rio Mondego,
A do jamas sembro el fiero Marte,
D'el Rey Marsilio aca desassosiego.
De sciencia alli alcance muy poca parte,
Y por sola esta parte, juzgo el todo
De mi sciencia, y estillo, ingenio, y arte.
En Musica gaste mi tiempo todo,
Preuino Dios en mi por esta via,
Para me sustentar por algun modo.
No se fio señor de la Poesia
Porque vio poca en my, y aũque mas viera,
Vio ser passado el tiempo en que valia.
El rio de Mondego, y su Ribera,
Con otros mis iguales passeaua,
Sugeto al crudo amor, y su bandera.
Con ellos el cantar exercitaua,
Y bien sabe el amor que mi Marfida
Ya entonces sin la veer me lastimaua.
Aquella tierra fue de my querida,
Dexela, aunque no quise, porque veya
Llegado el tiempo ya de buscar vida.
Para la gran Hisperia fue la via,
A do me encaminaua mi ventura,
Y ado senti que amor biere y porfia.

Obra protegida por direitos de autor

Alli me mostrò amor vna figura
Con la flecha apuntando dixo, Aquella,
Y luego me tirò con fuerça dura.
A mi Marfida vi, mas y mas bella
Que quantas nos mostrò naturaleza,
Pues todo lo de todas puso enella.
El Mar, de perficion y gentileza,
Fida, por la mas fiel que nadie vido,
Sũma lealtad de fè y ffirmeza.
Mas ya qu'el crudo Amor me huuo herido,
Le vi quedar tan preso en sus amores,
Que yo fui vencedor, siendo vencido.
Alli senti de amor tales dolores,
Que hasta los de aora no creya
Que los pudiera dar amor mayores.
Però despues que vn mal en mi porfia,
(El qual se llama Absencia) es quasi nada
El otro graue mal que antes suffria.
En este medio tiempo, la estremada
De nuestra Lusitania gran Princesa,
En quien la fama siempre està occupada:
Tuuo (señor por bien) de mi rudeza
Seruirse, vn baxo ser aleuantando
Con su saber estraño, y su grandeza.
En cuya casa estoy ora passando

Con

Con mi cansada Musa, ora en esto,
Ora de amor y absencia estoy quexando.
Ora mi mal al mundo manifiesto,
Ora ordeno partirme, ora me quedo,
En vna hora mil vezes mudo el puesto,
Ora a hurto de amor, me finjo ledo,
Ora me veo tan triste que me muero,
Ora querria morrirme, y nunca puedo.
Mil vezes me pregunto que me quiero,
Y no se responderme, ni sentirme,
Enfin me hallo tal, que desespero.
Si con tu Musa quieres acudirme,
(Gran Francisco de Sâ) daraſme vida,
Que dela mia estoy para partirme.
De tu sciencia, enel mundo florecida,
Me cõmunica el fructo desseado,
Y mi Musa serâ fauorecida.
Pues entre el Duero y Miño estâ encerrado
De Minerua el thesoro, a quien iremos?
Si no es ati?do estâ bien empleado.
En tus escritos dulces los estremos
De amor podremos ver mui claramente,
Los que alcançar lo cierto pretendemos.
Dexar deue el arroyo, el que la fuente
D' agua limpia y pura veê manando,

Delgada

Obra protegida por direitos de autor

Delgada, dulce, clara, y excellente.
Mui confiado estoy de ti, esperando
Respondás a mi letra por honrarme,
Pues d' escreuirte yo, me estoy honrãdo.
No quiero importunarte, ni alargarme,
Que do ay prolixidad, no falta vicio,
Escriue señor por consolarme
Que amy haras merced, â Dios seruicio.

Reposta de Fransciſco de Sâ de Mirãda.

MOnte mayor, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Truxiesses dulces agoas de Pegaso.
Que hare q̃ al respõder tiẽbla la mano?
Trabajé por escusa, si la hallara,
Buscãdo lo q̃ no ay, cãsase en vano.
No dissimulare la verdad clara,
Yendote a responder, atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçára
Temia lo que aun temo, que diria
El que oydos alçara ala respuesta
La tierra tan preñada, que paria.

Parturiunt mõtes, nascetur ridiculus mus.

Soltose

Soltose en risa todo, tanto cuesta
Esperar mucho, viendo por d' antojos,
Quanto a my, quien me loa, me amonesta.
Poniendome de lante de los ojos
Como en pintura, lo que seguir deuo,
Que en traje de loores, son abrojos.
Forçado a responderte en fin me mueuo,
Yerro a sabiendas, van y vienssudores,
Agora el huelgo, ora la pluma prueuo,
Si con Monte mayor trato d' amores
Quando lo alcancare: vá de corrida,
De laurel coronado, yedra, y flores.
Y si antes quiero tratar de la vida
Que sola es vida perpetua y segura,
La entrada es alta, ciega la salida.
O buen Mondego que en la Estremadura
Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuiste gran ventura;
Al fin (dire) del mundo has dado vn fructo
Que lo inche de odor todo, y que leuanta
Del campo y sierras niebla, el campo ha enxuto.
Mientras tañendo va, mientras el canta
La su Marfida, por los campos llanos
De tus agoas regados, quien no espanta:
Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos
El mi Diego espargio, sin aluedrio
D' amontado alli de pies y manos.
Estotro con mejor suerte el turio
Passo, los altos puertos, buelue lleno
De mucha gloria al nido suyo y mio.

Obra protegida por direitos de autor

Todo este se fizo mas sereno
La nuestra Lusitania a lexos tierras
Se va, de boca en boca, seno en seno.
Fue Monte mayor ya mentado en guerras
Del santo Abbad Don Iuan, (cuentase assi)
Agora dexa atras agoas y sierras.
Quando los Moros lançauan de aqui
(Ah los muchos peccados de Christianos)
Quedose el leal Monte en saluo alli.
Marsilio de gran nombre entre paganos,
Del Hebro a la Ribera puso silla,
Ya raya entre Carthago y los Romanos.
Entraron Maomethanos por Castilla,
D'amor, y Marte fiero vuo auenturas,
Quien cree, quien no lo cree, se marauilla.
Grandes cosas se cuentan de como a escuras
D'aquellos tiempos, de vista Turpino,
A estranhos cuentos orejas seguras.
El hadado Roldan, Reynaldo, Dino,
Que le fuera fortuna mas cortes,
De sus riquezas, vn tal Paladino.
Rogel, del ingenioso Ferrares,
Tanto alabado, en tan sabroso estillo,
Astolpho, auenturero, y vano Ingles,
Que dio la muerte al fabuloso Horrilo:
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante
Negro, hermanos, ribera del Nilo.
Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante,
En campo armadas, tormenta y terror,
Por enemigas hazes adelante.

Obra protegida por direitos de autor

Bom vay o do barretinho,
Nunca o tão figadal vi,
Chamauãome outros ratinho,
Hũs assi, outros assi,
Finalmente por acerto
Vinhãose dos nossos ja,
Deixeios chegar ao perto,
Hi passei como encuberto,
Mas tarde me acolhem lá.

Gil.

Falasme nos animaes
A que nos brutos chamamos,
Que guardão leis naturaes,
Nos outros nã nas guardamos
A isso obrigados mais.
Estes homẽs com quem tratão
Não homẽs, mas lioẽs brauos,
Por força tudo rematão,
Os lioẽs não te resgatão,
Não te vendem por escrauos.

Para que mandem nem rejão,
Não vão as agoas tingidas
Do seu sangue, se pelejão,
Não alção forcas erguidas,
Onde às aues manjar sejão.
Não tem repartida a terra,
Por marcos tão desiguaes,
De sangue & fogo, por guerra,
Hum possue de serra a serra,
Outro nada, ou dous tojaes.

Espanto he desigual
Da lei q̃ entre si tem gralhas,
Vendo hũa que passa mal
Decem gritando em batalhas,
Não tratão estonces de al.
Ora te direy assi,
Quem diz o q̃ vio não mente,
Guarte de cair aqui,
Que veras passar por ti
O amigo, & o parente.

Nunca ora ouui hum rifaõ
Mais sabido, & mais vsado,
Que darem todos de mão
Se jaz o carro entornado,
Os que vem, & os que vão.
Falo porem geralmente,
Não tomes outra sospeita,
Que he mui sospeitosa a gẽte,
O meu amigo feruente,
Não entra nesta receita.

Muytos dos vaos apalpei,
Aos trabalhos me despus,
Desque cuidei, & cuidei,
Disse comigo, Ora sus,
Se erros fiz, erros paguei.
Cuida homem que bẽ escolhe
As singellas so consigo,
Não

Obra protegida por direitos de autor

Não sei, quem te a vista tolhe
Fujo como quem se acolhe
Donde vê, certo o perigo.

Andando sô não me empecem
Maos olhos, nẽ mas palauras,
Nem se apega, se engafecem,
Por outros fatos as cabras,
Curoas se me adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Não me tomo que o cabrito
Me escõda o vezinho, & coma,
Aqui se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito.

Que me não ouça ninguem,
Somente as aues (que taes,
Duas auantagẽs tem)
Destes outros animaes
Voar, & cantar tambem,
Ou ao som dagoa que cae
Rompendo pelos penedos,
Deçe ao fundo, ao alto sae,
Ella que a grão pressa vay
Elles para sempre quedos.

Ves tu as minhas cabanas,
E o vento se muda assi,
Nẽ receo eu, Aldas, nẽ Anas,
Não dão voltas por aqui
Mais leues que ao vẽto canas.
Cantando dos seus solaos,
Que me, fação merecer
Muytas destas varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bõs de dar, bõs de voluer.

O sol de dia, as estrellas,
De noite, quantas que vemos
Nacem dellas, poemse dellas,
Olhamos mais q̃ entendemos,
E a lũa fermosa entre ellas
Que se renoua & reueza,
Ora hum fio, ora mais chea,
Ora em sua redondeza,
Cada mes (com que certeza)
Semelha à da nossa Aldea.
Do que ao meu gado sobeja
Vou viuendo ano por ano,
Pouco ou muito que elle seja
A ninguem não faço dano,
E não se ha ao pouo enueja.
Parece vida em verdade
Dos mastis, gado, & pastor
Como de cõmunidade,
Conta a fome & frieldade
Tudo rege, & manda a mor.

Do mais dezia Pascoal.
Sabes que he o que nos come
Ma cobiça que não al,
Onde quer se mata a fome,
Matãose apetites mal

Polo

Polo sol & pella neue,
Natureza a grande madre
(Q' aos filhos tãbẽ cho deue)
A tudo acudir se atreue,
Por mais q̃ este ventre ladre.

Meugado leuo, esse sigo,
Que inda saõ mais embaraços
Do que eu quisera comigo,
Passei por tantos dos laços,
Que olhar somente he perigo.
No meu çamarrão metido,
Que mais quero? sou pastor,
Cã nunca chega apellido
De fogo, nem de arruido,
Mal se for, mal se não for.

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemo
Virão verme os bõs amigos,
Ao Sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos,
E despois dos meses mil
Quiçais inda dira alguem,
Olhando este meu couil,
Por aqui cantaua Gil
Sem queixia de ninguem.

Quando tudo era fallante
Pascia o Ceruo hũ bõ prado,
Ahi veyo o cauallo andante,
Quis comer algum bocado,
Pos selhe o Ceruo diante,
Outra razão lhe não deu
(Que erão pacigos geraes,)
Saluo posso, & quero o meu,
Este Meu, & este Teu
Tanto ha ja que nos fez taes.

Vendo tão pouca prestança,
O caualllo dantes forro,
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro,
Por terra aos seus pees se lança
Não pode à justa querella
Deixar de se por no meyo,
Mas foi necessaria a sella,
Fesse o homem forte nella,
Toma a redea, proua o freo

Assi dão volta ao imigo,
O Ceruo quando tal vio:
Homem ao caualo amigo
Deixoulhe o campo & fugio,
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde & corre o seco,
Fora, fora, o contendor,
Ficoulhe porem señor,
Não foi tanto o outro enxeco

Quem ha tal medo a pobreza
Tal a fome e frialdade,
Que por ouro & por riqueza

Da a sò rica liberdade,
E mais outrē que a si preza.
Selhe ves herdades largas,
Não lhe ajas enueja á troca.

não se acha o que falta.

Mas tu olhas o Sol que anda,
A migo q̄ he tarde, folga ora
Deixemos esta demanda,
Mal auinda pera outra hora
A cea fora mais branda.
Com dous peixinhos passaras
Do rio não d' Almocreues
Que as villas fazem tão caras,
Beberas das fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

Byeyto.

Voluesme as cousas de enuees
Ques por força que te crea
O que tu quiças naõ cres,
Sabe que alma he ja na Aldea
La me haõ de lauar os pees.
E tu dize o que quiseres

Torce ca & torce la,
Defende teus pareceres,
Mas onde hi naõ ha molheres
Vida, nem gosto naõ ha.

A quella gracioſa idade
Que, òs olhos viſtos nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta
Naõ he de todo vaidade.
Suſpiraſte, ora eu te entendo
E vernoshemos deſpois
Por ora a Deos te encomēdo.

Gil.

Naõ te quero eſtar detendo
Byeyto. (bois.
Voume (q̄ he tarde) aos meus

Baſto.

Contouſe iſto polla Aldea
De paſtores, em paſtores,
Logo foi a terra chea,
Entaõ quaes eraõ melhores.
Mas reuolto o Calendario
Viſto tudo, & contas feitas,
Fica aſſentado hum ſummario
Gil por homem voluntario
Homem Byeyto ás direitas.

N Celia.

ECGLOGA III CELIA.

Ao Iffante Dom Luis.

Ereniſsimo Iffante, aquien ſe deue
Fuego d'Eſmirna, o Mantua, aquien el mio
Quando mas arde es vna fria nieue
Del ſiempre elado Boote, y del tardio:
Mas gran Señor en partes dò no llueue
La niebla ſe deſca, y el rocio,
Y no ſe puede continuamente eſtar
En armas, y atalaya, y pelear.

Las Muſas, quando Vueſtra Alteza andaua
Alas altas empreſas, de ſi dinas
Que juntamente tremia, y ſudaua
Africa toda, en veer las altas quinas
De ſu Real guion, quando aſſomaua,
Viſtes las a ſus fuentes mas vezinas,
Entonadas mejor, y mas de veras,
Oyllas eis aca, como eſtrangeras.

Por ora callarſcha Tunes entrado
A fuerça d'armas, y dende eſcondido
Qual va huyendo el Tyrano apretado
De las fuerças mayores conſtreñido,
De Hercules vn ladron Caco afamado
Por honra auer deuiera ſer vencido

En humo

En humo se emboluia, y fuegos vanos
Fiauase en huyr, mas que en las manos.

Al sancto Rey Luis com tanta gente
Cruzada, y Carlo quarto denegosse
(De Francia entramos) lo q̃ ora al presente
A vos em nuestra gloria reseruose,
L'antiga y gran Carthago juntamente
De los daños passados recordose:
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo venir á si dos Scipiones.

Ah los juizios ciegos de Christianos,
Ah furias infernales, ah pecados,
Que en vuestra sangre enfuziaes las manos
A tamaño sabor de arrenegados,
Auiáos IESV Christo hecho hermanos,
Deshazeiuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexaos la ciudad santa a los canes?

Quando sera aquel dia que a la vuestra
Armada mano se rinda la fortuna?
Que algo de embidia atãta gloria muestra?
Quando sera que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertido dessa diestra?
Yo que lo cante al Sol, cante ala luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos,
Deseos quanto amy mucho atreuidos

Finalmente (Señor) puesta a de parte
Por vn poco la espada, el verdadero

Obra protegida por direitos de autor

Y alto juizio buelua aquesta parte
Donde entra por la mar, turbado el Duero,
Y donde con gran fe, mas com poca arte,
Cantan pastores al modo estrangero,
Corren lagrimas justas sin parar,
Mientras Neiua tambien corre a la mar.

Pastores da Egloga. — { Aurelio. Mauricio Amaro.

Aurel. Que quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
Vuiar de perros, como ala porfia?
No se que se han, cierto es q̃ algun gran mal.
Aues nocturnas buelan dentre dia,
Lobos tan brauos de su natural,
Vienése ala Aldea de la serrania,
No vees el mal gusano, y que pesares
Se ha hecho de las huertas, y pomares?

Vna mula ha parido en muestra Aldea,
Y las vacas no paren, ayer cayo
Del cielo vn breue, y no ay quien lo lea,
Son frayle, o crego que ya missa cantò,
Con dos cabeças (cosa estraña y fea)
Vn poldro conseis pies (diz) que nascio,
Como gallos cantaron las gallinas,
No vinieron ogaño golondrinas.

Vemos muertos caerse los borregos,
Caen las madres d'otra parte muertas,
Los ojos que tal veen paranse ciegos,
De todo son las causas encubiertas.

Obra protegida por direitos de autor

Buelan de noche por los ayres fuegos
Que carreras atras dexan abiertas,
Cosas que nunca vimos, ni pensamos,
Dios nos guarde de mal los nuestros amos.

Ca dizen que ferio por la cabaña
Del buen Alonso vn rayo, (aquel pastor)
Que apacienta lo mas de la montaña
Ah no nos tenga el cielo tal rancor,
No parece sino que Dios se ensaña,
Amor en nos no veè, prueua el temor,
No vees quantas de vezes se estremece
La tierra, antes tan firme, ora enflaquece?

Aquel noble zagal que aqui cercano
Con tanta nuestra esperança crecio
Quando el la boz diuina con la mano
Tambien diuina, tañendo acordò,
Luego a bozes lo dixo vn viejo cano,
(Ah de lo por venir quanto que vio)
Quan presto te arrepientes cruel hado,
En dando vn grande don, de auelle dado.

Mauricio.

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
Auellò visto, lleuoselo el palacio
Crecia en todo a ojo, quanto fuera
Mejor, y mas seguro, irse despacio.
Cuentan milagros del des que alla fuera,
Mas a tal prissa cierto està el cansacio,
Sea de cuerpo, spiritu, o de ventura,
A cansar presto va quien se apressura.

Mas boluiendo a nosotros (pastor bueno)

Obra protegida por direitos de autor

Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de maldad tanta el mundo lleno,
Alla los viejos van, y los zagales,
Estoy confuso, mal duermo y mal ceno,
Temiendo a nuestras culpas desiguales,
Es mucho el pecar nuestro, es sin emienda
Que himos siempre acorrer suelta la rienda.

Mauricio,

Agora Aurelio entiendo que tu solo
Eres el que aun no sabe el grande daño
Deste nuestro concejo, que assolollo
Como por tierra vn caso duro y estraño:
Aquel bien suyo, la muerte llevolo,
Quien péso veer tã presto vn mal ramaño?
Nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
Tan dino de infinito sentimiento.

Aurelio.

Assi que es muerta Celia? y pudo muerte
Hazer, (aunque cruel) tal crueldad?
Como? y todo vasse assi por suerte?
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto tanta gloria se conuierte
En nada? estado, fuerça, y fresca edad?
Triste de my, de vida ya Celia es fuera?
Quien oye tal, tambien, q̃ no se muera?

Dexemos la beldad (que ella tenia
Por cosa vana) (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuidado veya,
Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana:
Que para nos, no para si biuia,
Como la muerte fue tanto villana?
Cortò la tela ante tiempo sañuda,
Dexa tanta de gente aca desnuda?

Obra protegida por direitos de autor

Mauricio.

D'Amaro y que sera? solo dexado
Por raro exemplo d'vna triste vida?
Como por muestra, y como por dechado
A nos sera ella corta, a el complida.
Quan presto tanto bien se ha trastornado?
Ay bienes falsos, ay vana y fingida
Muestra, que ala deshora buelue en daño
Vanos ansi engañando d'año en año.

Aurelio.

Pues aun no sabes bien lo que passe
(Digo con el combate desigual)
Era el dolor deuido, pero fue
El impeto primero irracional,
No de hombre, aun que barbaro, y sin fè,
Sin alma, y sin razon, todo bestial;
Quiso boluerse a si como enemigo,
Son que lidiar cumpliole antes comigo.

Quantas vezes que el alma vi cuitada
Partirse tras la santa suia della,
Dexando el cuerpo alli como vn nonada,
Solo tendido como que iua a vella,
Dende a buen rato, toda trabajada
Boluer de nueuo, alli quanta querella?
Y que gritos tan altos, tan sintino
Vnos tras otros daua de contino!

Cruel Celia (dezia,) ansi me dexas?
Quien te me hizo cruel? no me responde,
Señal que ya no las oye estas mis quexas:
Tan lexos la lleuaron? triste a donde
Te me han Celia lleuado? ansi te alexas

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS
Obra protegida por direitos de autor

Forças que vos enganaes
Cuidando a tão altos voos
Ia neſtes começos taes
Himos acabando nos
Senhora aquem vos la pòs
Tan alta, ha graças que dar
E a vos de nos perdoar.

Quem ſera de veruos dino?
Vi vos, foi a alma paſmada,
Fui aſsi como hum menino
Que vè, q̃ ſe eſpanta, & brada,
Não ſabe mais dizer nada,
Podeſe a ver vos chegar,
O mais he tudo paſmar.

A eſte Villancete q̃ ſe cãnta.

Taño os yo mi pandero,
Taño os yo, y pienſo en al.

Mietra el mal arde, y deſtruye
Buſco con q̃ el tiempo engañe,
Adeſora el alma fuye,
Que no ſe quaſi quien tañe,
Dexa aqui que me acõpanhe
La mi tanta cuita, y tal
Y aun va penſando a mas mal.

D'amor por cierto villano
Fieme como ſandia,
Puſome el pandero en mano
Fueſeme con la alma mia.
Eneſta tanta agonia,
De mĩ cuita deſigual,
Ni muere, ni mata el mal.

Sextina à maneira Italiana.

Não poſſo tornar os olhos,
Donde os não leua a razão.
Quem porà lei à vontade
Confirmada do coſtume?
Vontade que as ſuas leis,
Manda defender por força?

Iſto que al he ſenão força
Que me fazẽ os meus olhos?
Quebrantadores das leis,
Brada apos mĩ a razão:
Mas que val cõtra o coſtume
Que ſenhorea a vontade?

Conſelhos vãos à vontade
Que ſò pode, & ſò tem força,
Ajudada do coſtume,
Vos não podeis eſtes olhos
Alçar hum pouco á razão
Que faz & deſfaz as leis.

Amor taes ſaõ tuas leis
Tal dureza a da vontade
Agrão mingua da razão,

Quçira

Queira, ou não queira he porforça
Qu'se me vã estes olhos
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis,
Ay escrauos dos meus olhos
Mandados da vaã vontade,
Aque destes tanta força
Em desprezo da razão.

He morta, ou dorme a razão
Não sente ja por costume,
Que farei à mayor força?
Ajão piedade as leis
De quem entregue à võtade
Vai preso a pos os seus olhos.

Olhos apos a vontade,
As leis apos o costume
Apos a força a razão.

A hum cantar alheo.

Quem viesse aquel dia
Quando, quando, quando,
Saliesse mi vida
De tanto bando.

Los tristes ojos
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mis enojos,
Vn plazer no vistes.

Vistes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna hora buena.

Si ala suerte mia
Pluguiesse, pluguiesse,
Que viesse ora el dia
Con que mas no viesse.

VILANCETE SEV.

Acostumeime aos meus males
Eu assi acostumado, & elles
Andão por me apartar delles.

Ah que cruel tirania,
Não sei que nome lhe ponha,
Não me doe de hũa peçonha
De que ja gora viuia:
Quãdo os meus males sentia
Quando me queixaua delles
Là me auiesse coelles.

Despois q̃ se hia mais brand
Fazendo o mal por costume,
Virãome andar sẽ queixum
Matãome remedios dando.
Tudo se vay reuezando,
Males que tremia ante elle
Mouro de saudade delles.

SONE

SONETO.

De Franciſco de Saa de Miranda â Madanella.

A voſſa verdadeira penitente
Quam bem guardaſtes ſeus pontos deuidos,
Os Apoſtolos erão ja partidos,
Ella não parte, vedeo que ali ſente:
E aſsi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos,
Tudo Amor vence, altiſsimos ſentidos
A quem tal ortelão ſe faz preſente.
Gregorio a poem por hũa, outros Doutores
Fazẽas tres, apos Gregorio vão
Deſpois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direi eu ſenhor que ſaõ
(Aquelles outra vez que ſaõ) Amores
Dos taes ſuſpiros, hum ſò nunca em vão.

Trouas que Em Alcala de Henares leuarão o preço que foy hum Crucifixo de ouro. Sobre a Conceição de Noſſa Senhora.

PRrincipio, medio, ni cabo
Hallo Virgen ſingular
Para poderos loar,
Porque ſi mucho os alabo,
Mas es lo que he de ignorar.
Y pueſto que ſe ayuntaſſen
Todos quantos crio Dios,
Y ſiẽpre en vos ſe ocupaſſen,
Vn punto dubdo alcançaſſen
De lo mucho que ay en vos.

Obra protegida por direitos de autor

Fuente de nueſtro conſuelo,
Dechado de perfecion,
Por diuina permiſsion
Fuiſtes vos aca enel ſuelo
Preſeruada en concepcion.
Y tuuiſtes entre nos
Tan alta palma y victoria,
Que concebiſtes a Dios,
Y antes concebio el a vos
Mentalmẽte en ſu memoria.

De dò nos conſta ſentir
Que no ſolo no pecaſtes,
Pero ni peccar penſaſtes,
Porque en vueſtro concebir
De toda gracia abundaſtes.
Y en vueſtro vientre jocundo
Vemos que pudo caber
Por miſterio muy profundo
Aquello que todo el mundo
No lo pudo comprehender.

Hizo os Dios tã limpia y pura
Por acuerdo de los tres,
Y en vos tal merecer es,
Que l'Angelica natura
Teneis debaxo los pies.

Y en tan ſupremo lugar
Os quiſo Dios ſoſtener,
Que no podiſtes pecar
Porque do auia d'encarnar
Sin pecado auia de ſer.

Ved que miſterio excel
Vueſtra concepcion ob
Que por vos ſe reparò
El daño de la ſerpiente
Que a nueſtro padre engaño.
Y quiſo y permitio Dios
Por ſu decreto diuino,
Por vos tuuiſſemos nos
De congruo lo que vos
Mereciſtes de condino.

Quando Dios os dio la ſilla
Que eſta ſegunda enel cielo
Limpia os hizo, y ſin recelo
Concebida ſin manzilla
Por la mejor deſte ſuelo.
Porque quando os fabricò
Enel vientre maternal
Al punto os predeſtinò
Desde alli os eximiò
Del pecado original.

Forão mandadas eſtas trouas atras, de Caſtella ao Senhor Dom Duarte, Fezlhe Franciſco de Saa outras tantas na meſma ſorte de Troua

A Y razon que tal cõsienta?
Diéſamiẽto altiuo vſano,
Que ſe atreua vnpecho huma
A poner en tal afrenta (no
Su lengua, ni la ſu mano?
Madre bendita ſi a vos
No acudimos, no ay remedio
Onde deſmayamos nos
Comiençan obras de Dios
Sinfin, comiençó, ni medio.

Si al Sol los ojos alçamos,
Como algun'hora acontece
La viſta luego en flaquece
De fuerte, ſi aporfiamos
Que a toda parte anochece.
Si ante los mayores fuegos
No van los menos a cuento
Que no nadas, y que juegos
Son a vos los ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

Eſo no te ſobreſaltas
No turbas, y alteras todo?
Del immenſo amor ſin modo
Quien fizo coſas tan altas
Cobrirſe de nueſtro lodo?
Virgen y madre ſin par
Alçad lo que abaxo yo
En vos ſe vino a encerrar
Dios que no cabe en lugar
Vueſtro pecho lo crio.

Madre y Virgen juntamente
(Quien nũca tal coſa oyera?)
El que en principio ya era
Del golpe de la ſerpiente
Preſeruada os vuo entera?
Eſto como puede ſer
Que contradize la edad
Quien todo lo puede hacer
Como Dios, tuuo poder
Como hijo voluntad.

Fuente donde gracia mana
Siempre clara, limpia y agena
Del turbio, digan, que ſuena
Quando por coſa tan llana
Os llaman de gracia llena,
Virgen diuino ſacrario,
No tuuo poder alguno
Cõtra vos nueſtro aduerſario
Que no pudo el vn contrario
Con otro eſtar de conſuno.

Boluia al camino, errado
De en ti hablar Señora indino
Madre del verbo diuino
De tal claridad turbado
Como atinare ſin tino?
Limpio eſpejo de la fè
Eſcurecido ja mas
Ah Senhora, ah que dire?
Ah, que ſoy niño, y no ſè
Que haga, o que diga mas.

Obra protegida por direitos de autor

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras
1315608393
Obra protegida por direitos de autor